

Memoriar: o uso da narrativa como mediação da noção de identidade do adulto maduro

Memorize: the use of narrative as a mediation of the mature adult's notion of identity

Claudia Flores Rodrigues

Psicanalista, Mestre e Doutora em Educação/Educação e Saúde

Monica Santin

*Professora na Universidade Estadual do Paraná. UNESPAR/Campus Paranaguá/
Curso de Pedagogia. Doutora em Educação/Educação Política e Cultura.
Narrativas Orais e Autobiográficas. PPGE/UFSM.*

DOI: 10.47573/aya.5379.2.68.8

RESUMO

Este estudo parte da possibilidade de haver uma narrativa autobiográfica que não exclua o ponto de vista filosófico ou a impossibilidade de haver uma separação entre vida e obra. Do aprofundamento dessa questão faz parte a leitura diretamente relacionada ao tema e ao exercício deste tipo de escrita, como a obra intitulada -Em busca do tempo perdido- de Proust. Inclui-se igualmente Ortega y Gasset na tentativa de uma exposição em torno do problema da narrativa como mediação na construção da noção de identidade. Inicia-se pela questão do sujeito em sua fase de maturidade de modo a introduzir os principais pontos de discussão que serão desenvolvidos no decorrer deste apontamento. Num segundo momento, tratamos das teorias que se articulam mais recentemente com a fundamentação da autobiografia como gênero literário, tendo a filosofia como fonte originária, pelas proposições de Nietzsche. Sendo, o apodrecimento dos sentidos o drama da modernidade.

Palavras-chave: narrativa autobiográfica. filosofia. modernidade.

ABSTRACT

This study starts from the possibility of having an autobiographical narrative that does not exclude the philosophical point of view or the impossibility of having a separation between life and work. The reading directly related to the theme and the exercise of this type of writing is part of the deepening of this question, such as the work entitled -In search of lost time- by Proust. Ortega y Gasset is also included in an attempt to expose the problem of narrative as a mediation in the construction of the notion of identity. It begins with the question of the subject in his/her maturity phase in order to introduce the main points of discussion that will be developed during this note. In a second moment, we deal with the theories that are more recently articulated with the foundation of autobiography as a literary genre, having philosophy as its original source, through Nietzsche's propositions. Therefore, the rotting of the senses is the drama of modernity.

Keywords: autobiographical narrative. philosophy. modernity.

INTRODUÇÃO

A obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, publicada entre 1913 e 1927 em sete volumes, sendo os três últimos postumamente, pode-se dizer que foi um grande projeto narrativo que percorreu minuciosamente a vida do autor ao longo de diferentes ciclos.

Proust descreve na obra, personagens e ambientes de sua época usando uma memória relacionada a visão filosófica do tempo, cujas recordações assimilam, no mesmo plano, o passado e o presente.

No último dos sete volumes (o tempo redescoberto), o narrador considera que o tempo realmente transformou as pessoas e decide reconstruir o passado através da arte literária.

É bem provável que o espírito proustiano tenha nos acometido. Pensamos que vive-se em busca de um tempo perdido sempre passível de ser reconstituído de alguma forma a nos tornar mais complacentes, mais tenazes nas nossas certezas, mais capazes de enxergar o óbvio.

Para Motta (1994), a verdade pode explodir na própria superfície das palavras, quando a enunciação, num deslize, vem comprometer a sinceridade do que está sendo enunciado. Com base em Proust, a autora diz que no romance do tempo perdido existe uma permanente perplexidade do conflito da linguagem com a verdade.

O romance inspira nossa perspectiva de escrever justamente pelo viés de um mosaico de cronologias que vão se misturando, muitos fragmentos vão se conectando, numa procura sob um senso ou sentido mais forte: da verdade, da nossa verdade como ser humano que somos e principalmente da personagem que usa a memória para instigar essa busca incessante da validação de tempos que ora ou outra impulsiona um pensamento voltado ao não havido, ao não vivido ou seu contrário.

Para Motta, decifrar, em Proust, é uma ocupação constante, num movimento de descrever e interpretar. Assim, o tempo assume um espiral caleidoscópico de figuras possíveis, mas diversas, assim como são as faces da verdade.

EM BUSCA DE UM TEMPO...PERDIDO?

Nessa linha de pensamento, observa-se tudo o que rodeia o eu/si mesmo. Para Ortega y Gasset (1998), circunstância é tudo que faz parte da realidade cósmica; a corporalidade, a vida psíquica e a cultura em que se vive aliada às experiências de vida. No pensamento orteguiano, na fase madura, o eu não se separa da circunstância porque são fundamentos para pensar a vida, objeto fundamental da investigação deste autor. Para ele, o sentido íntimo de fidelidade a um modo de ser é um compromisso do homem com ele mesmo e uma vida autêntica depende da fidelidade a si; algo maior que um fenômeno biológico, algo como expressão de valores.

Para Carvalho (2002), a vida é o que cada indivíduo faz com a circunstância. Mudamos com o tempo. Ou mudamos como o tempo? A paisagem, vista de fora, o entorno que se transforma, as histórias, os fatos. Tudo se altera e somos um em circunstâncias pessoais e históricas. A intimidade, o lado de dentro do eu também envolve uma situação exterior, ou seja, aquilo que se manifesta para os outros. Para Ortega y Gasset (1998), a alma seria uma película periférica que vai formando primeiro o eu social e só depois é que desvela-se na intimidade como as representações, sentimentos e experiências íntimas. Sigmund Freud (1856–1939) dizia que ordinariamente buscamos o prazer e evitamos a dor.. Embora seja este um princípio de ordem fisiológica, ele se altera quando a circunstância social o modifica. Para Carvalho (2009), esta diferença na topografia comportamental tem uma raiz cultural porque o homem estabelece uma relação ativa com o meio, isto é, ele reage ao mundo natural, mas não responde sempre da mesma forma. Acrescenta-se que ao reagir, modifica seu entorno e sua história de vida. A forma como cada pessoa olha o mundo a diferenciará das demais, afirma.

Para Carvalho (2009) o retorno do passado ao presente implica que se interrompa o ciclo de destruição que o tempo produz. Assim, parece que a ternura de um olhar amoroso aos nossos erros e fracassos ou ainda, às alegrias vividas, se completam e não extenuam nossa vontade de compreender e conviver com o liame da temporalidade da nossa vivência autêntica, porque a vida se modifica da infância à maturidade e neste aspecto existe uma verdade: o distanciamento privilegia a consideração de um determinado objeto. Sequer nos conhecemos a nós mesmos se não for feito um esforço de nos olharmos como nos veria um outro separado de nós. Com

freqüência apenas aprendemos a dar valor a certas coisas quando perdidas. Dante, na Divina Comédia, passava a ideia de que toda posse é necessariamente fugaz e que o espírito deve se dirigir à glória duradoura das virtudes morais e das ideias eternas.

Na Divina Comédia – Inferno, Purgatório e Paraíso – e as elocubrações filosóficas assinaladas por Platão, Aristóteles e Santo Agostinho, suscitam pensar o tempo e a eternidade no espaço transcendental: o corpo e a conservação, pela alma, das características deste e consequente sujeição à passagem do tempo, especialmente onde há punição, seja definitiva ou transitória.

Cocco (2014), alega que na obra de Dante a construção do tempo torna-se especial, pois ele é apresentado por um personagem narrador que, ainda em vida e com natureza corpórea, adentra o espaço transcendental onde se situam os mortos. Esse espaço, dividido entre Inferno, Purgatório e Paraíso, está associado à noção de eternidade, posto que, em princípio, não há tempo.

Na cultura ocidental, o conceito de tempo é linear e progressivo e a doutrina cristã sublinha que depois da morte há a eternidade. Fala-se aqui em Dante para dar uma conotação filosófica ao tempo vivido. O eterno é substrato do registro daquilo que nossos olhos, nosso corpo e nossa alma conseguem exprimir de alguma forma. A arte é uma delas. O registro autobiográfico seria também uma conservação da obra: a vida. Para que se apresente o ser ontológico há que se apresentar também o ser ôntico.

Na obra de Dante os ciclos se encerram no destino dos mortos seja o Inferno, ou o Purgatório, ou o Paraíso, conforme tenham sido suas condutas durante a existência. Embora na sua obra Dante buscasse apenas a coerência literária, não podemos deixar de salientar que na vida contemporânea a sociedade, a igreja, a ideia do si mesmo, convergem para a tríade dantesca: inferno, purgatório e paraíso, porém não necessariamente nesta ordem.

AUTOCONHECIMENTO

Freud nos mostra que sua teoria precisou passar por alterações à medida que iam sendo encontrados entraves e ou obstáculos. Os casos publicados marcaram a nova forma de manejo clínico para a época. Na psicanálise, a clínica antecede a teoria e isso pode causar estranhamento uma vez que estamos acostumados a modelos científicos que preconizam a teoria antes da prática.

Assim, quando entendemos que nascemos sem conhecimento algum sobre nós mesmos (e nem sequer consciência), atendemos à forma estruturante que é formada na relação com o outro, incluindo aí a consciência do si mesmo. Vamos conhecendo o mundo pela introyecção dos nossos cuidadores e depois, pelas relações com o meio, criando laços sociais.

As Ciências Sociais se utilizam das histórias de vida como método interpretativo dos fenômenos históricos em relação às histórias, considerando os atores sociais (sujeitos) seres que agem na reciprocidade entre o individual e o social na interconstrução do si mesmo. A singularidade das narrativas denuncia sempre a sociedade nas suas vicissitudes criando memória e história. A fala é a articulação da memória da autobiografia como narrativa de si. Para Kramer e Souza (1996), ao analisarem a história de vida como método privilegiado na pesquisa em Edu-

cação, escrevem que a acepção história de vida está implicada na ruptura com a concepção de História como sucessão diacrônica, ou seja, como um avanço uniforme, linear e automático do desenvolvimento histórico ditado por uma metodologia historiográfica. Falando de outra forma, a metodologia de pesquisa que tem como referência a história de vida, envolve necessariamente, uma historicidade "não-historicista" .

Trazemos a baila este entendimento para dizer que a história de vida não se faz sozinha, é preciso haver o outro.

Como é possível ativar a psicanálise e conectar as possibilidades de cura através da fala? Abrir espaços de fala pode ser um meio de projetar o sentido de autoconhecimento que potencializa a pessoa na sua trajetória de vida, em qualquer meio, em qualquer profissão.

A história de vida, como concebida e trabalhada pelas Ciências Humanas, não se expressa com a mesma significação para a pesquisa psicanalítica, justamente porque a narrativa (auto)biográfica apresenta o sujeito e a coletividade personificada nele. É preciso criar espaços de articulação entre as Ciências Humanas e a Psicanálise dentro das universidades, fomentando a escrita de si, e interpretando as disrupturas que se apresentam.

Preocupa-nos encontrar estes espaços para falantes de si. Como podemos criar esses meios? Como otimizar para os discentes e docentes, caminhos para que conheçam as inúmeras possibilidades de serem aquilo que desejam ser através do empenho nas suas narrativas, de perdoarem a si mesmos por eventuais erros, de tentarem (re)fazer a trilha das suas vidas, de experimentar estados de dor e prazer sentidos na própria pele?

Seria importante e necessário criar (e aumentar se já existem) nas universidades, disciplinas que prospectassem projeto de vida, autoconhecimento e ações emancipatórias para que sujeitos se propusessem, nesta disciplina, a falarem mais sobre si e com isso, num viés entre o passado e as narrativas ao longo da vida resgatar registros internos que os possibilitem pensar nas suas fragilidades e forças, nas suas trajetórias em tempos havidos ou vividos, e na sua tentativa de avançar em um tempo futuro.

A psicanálise, na sua essência, nos possibilita perceber que existe um certo limite para o autoconhecimento, mas ao mesmo tempo, lidar com isso é desafiador porque incide reconhecer nossa própria humanidade forjada na escassez, na falta, na castração, na incompletude do saber ser. Pela falta de um (auto) conhecimento que nos apazigue, inventamos dia a dia uma resposta criativa para os limites/muros encontrados.

Para Teixeira (2003), o relato autobiográfico coloca-se no plano do interminável, embora sua escrita, em termos documentais, seja espacial e temporalmente finita, retratando um locus de identidade no qual o sujeito tenta se definir. Para a autora, a configuração da identidade, nem sempre é o resultado do trabalho (auto) biográfico, mas sim sua "causa".

SIGNIFICANDO HISTÓRIAS

As histórias identitárias e pessoais são ricas de significados culturais reconhecidos, o que denuncia muitos mitos que sustentam o imaginário social. São as histórias de pessoas anônimas que servem de entendimento da História, que não pode somente ser reconhecida por

grandes acontecimentos e movimentos e faz a ruptura de muros do eu pessoal com o eu social. Nesse sentido, emerge a compreensão de que:

O fato biográfico se inscreve em nós, em nosso interior, em nossas percepções do vivido, ainda não compreendido e significado, ainda não narrado e explicitado em uma sequência que proporciona encadeamento e sentido. O fato biográfico se refere aos silêncios do vivido que constituem as memórias. O fato biográfico se refere aquela imagem do eu experienciado, mas ainda não compreendido entre a singularidade e a socialização, entre o eu e aquilo que me aconteceu. (RÖWER; CUNHA; PASSEGGI, 2015, p. 28).

Lejeune (1975) analisa a relação entre narrativa de vida e classes populares, e salienta que, a partir do início do século XX, a autobiografia popular começa a ter seu lugar nas narrativas de camponeses, operários, e velhos. Essas narrativas são meio de reconhecer como o social pode se personificar nos sujeitos, retratado nas vidas singulares cotidianas.

Apesar de o texto autobiográfico não ter sua origem situada na modernidade, foi com o advento do homem moderno que as condições de possibilidade de uma narrativa sobre si, - como forma de expressão subjetiva, de afirmação perante si próprio e perante os outros, - foram efetivadas.

Foucault (1983), em seu texto "L'écriture de Soi" cria um caminho sobre o modo de falar de si em textos originados na cultura greco-romana, revelando uma escrita já assentada como exercício de(re)conhecimento do eu, contextualizando escritas monásticas de caracterização na noção de indivíduo.

A apropriação do sujeito do 'já dito' e sua conseqüente utilização em uma prática de si, i. e.; um exercício (que é um modo de subjetivação) concebido conforme o entendimento que os antigos (seja grego, seja romano) tinham do papel da escrita como exercício de si no pensamento, tinha duas formas, segundo Foucault, quais sejam, o hypomnemata e a correspondência. A função que vão cumprir é da ordem de uma tekne tou biou, uma arte de viver, 'que é preciso entender como um adestramento de si por si mesmo' (FOUCAULT, 2009, p.132).

As hypomnemata são um olhar sobre si a se delinear, não com o objetivo de uma "descrição de si", mas com o de reunir o já dito, de agrupar o que foi ouvido e lido, e tudo isto com o objetivo da constituição de si.

(In)considerações

Nietzsche diz ser a filosofia uma autobiografia disfarçada, o que tornaria todos os textos, autobiográficos. O perspectivismo nietzscheano é apresentado com a intenção de sublinhar que o sujeito se torna igualmente perspectivo ou múltiplo, estranho a si mesmo, devendo passar necessariamente pela experiência da dissolução para perceber-se outro. A superação da natureza parece não ser possível. A pedra permanece amorfa, as ferramentas, inúteis, caídas em desordem. É preciso criar, mexer, sentir a arte correr pelas veias, sujar as mãos, pintar a alma; É preciso embriaguez, falta, ausência, presença, loucura, sensatez. O apodrecimento dos sentidos é o drama da modernidade.

Finalmente, concordamos com Josso (2010) e Abrahão (2004), quando ambas pesquisadoras afirmam que as pesquisas em ciências humanas, em suas diferentes áreas discutem o papel e a relevância das narrativas autobiográficas no processo de individuação e construção de identidades, partindo de pressupostos e métodos antropológicos e etnográficos, que reafirmam o papel do sujeito e da sua subjetividade no centro da pesquisa científica. Torril (2006) diz que não

existem pessoas sem narrativas e a vida é uma narrativa permeada por inúmeras histórias. Ao narrar a si, emerge do sujeito uma rede intercomunicativa em que dramas pessoais e individuais são compartilhados e contextualizados e, portanto, ressignificados.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. (org.). A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004. PUCRS, 2004.

BENVENISTE, E. Problemas de lingüística geral. São Paulo, Nacional, 1976.

CARVALHO, José Mauricio de. O conceito de circunstância em Ortega y Gasset. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, Volume 43, Número 2, p. 331-345, Outubro de 2009.

COCCO, Marta Helena A CONSTRUÇÃO DO TEMPO EM A DIVINA COMÉDIA. Rev. Let., São Paulo, v.54, n.1, p.167-178, jan./jun. 2014. <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/7826/5375> acesso em novembro/2021.

DANTE ALIGHIERI. A divina comédia. Traduzida e comentada por Cristiano Martins. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

DELEUZE, G. Proust et les signes. Paris, PUF, 1979.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Nova Vega, 2009.

FREUD, S. Les mots d'esprit et ses rapports avec l'inconscient. Paris, Gallimard, s.d.

JOSSO, M.-C. Experiências de vida e formação. Natal: EDUFRN, 2010.

KRAMER, S., & Souza, S. J. (Orgs.). (1996). História de professores: Leitura, escrita e pesquisa em educação São Paulo: Ática.

LEJEUNE, P. (1975). Le pacte autobiographique. Paris: Seuil.

ORTEGA Y GASSET, J. Vitalidad, alma, espíritu. El espectador V. Obras completas. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

MOTTA, Leda Tenório da. A voz do outro na literatura: Proust. Psicol. USP [online]. 1994, vol.5, n.1-2, pp. 61-72. ISSN 1678-5177.

MOTTA, Leda Tenório da. A voz do outro na literatura: Proust. Psicol. USP, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 61-72, 1994. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 nov. 2021.

TORRIL, M. Reflections on the narrative research approach. In: HARRISON, B. Life story research. London: SAGE Publications, 2008.

PROUST, M. Oeuvres complètes. Paris, Gallimard, 1954. (Bibliothèque de la Pléiade)

RABINOW, P., & Dreyfus, H. L. (1995). Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense.

RÖWER, J. E.; CUNHA, J. L. da; PASSEGGI, M. da C. F. B. S. Por uma Sociologia da Suspensão: da recursividade entre concepções e práticas. Revista Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 17-45, 2015.

TEIXEIRA. Leônia Cavalcante. Escrita autobiográfica e construção subjetiva (2003) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.